



## PARA UMA FENOMENOLOGIA DA ALMA FEMININA: O PROTAGONISMO E A VISIBILIDADE DA MULHER

Adson Manoel Bulhões da Silva  
Iraídes Caldas Torres

### RESUMO

Este trabalho busca esclarecer uma doutrina de formação especificamente feminina, no que diz respeito à vocação natural da mulher, seu protagonismo social na Amazônia, destacando a formação da mulher, perante o seu ser natural e social e envolvendo questões feministas, que, por sua vez, insiste em entender a mulher apenas como um ser predominantemente social. Contudo, Stein (1999) trata da relação da alma feminina com o mundo moderno, no que se refere à própria concepção de entendimento do ser feminino e da personalidade da mulher. Mostra que a mulher pode ganhar espaço no mercado e na sociedade, sendo profissional competente e respeitada, sem necessariamente ter que se descaracterizar. A abordagem *steiniana* do assunto, antes de ter a pretensão de impor uma verdade, busca dialogar séria e abertamente com outros posicionamentos a respeito do assunto.

### PALAVRAS-CHAVE

Alma. Feminina. Protagonismo. Amazônia.

### INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo fazer uma análise antropológica, filosófica e social do feminino em particular, a partir das investigações realizadas por Edith Stein frente à realidade das mulheres. Ao longo da pesquisa, busca-se, também, examinar a relação do ser humano com a dimensão religiosa e social. Em um olhar desprovidos de preconceitos, verifica-se que existe uma profunda conexão entre a experiência religiosa e o teor feminino elucidados na obra de Edith Stein, *A Mulher: sua Missão segundo a Natureza e a Graça*, que possui o intuito de mostrar que a mulher e o homem são seres naturalmente diferentes no corpo, na alma, assim como em sua força e sensibilidade.





Nessa perspectiva, as relações de gênero se põem neste cenário do contemporâneo, com significativo teor conceptual para iluminar o escuro espraiado na textura lacunar das ausências<sup>1</sup>, da invisibilidade e do preconceito com relação às mulheres. Diante disso, a filosófica de Edith Stein torna-se decisiva para a conexão com uma memória narrativa de solidariedade de tantas biografias esquecidas de mulheres esquecidas na nossa história.

Assim, as relações de gênero também ganham força com os aportes do pensamento feminino que não somente produzirá modificações e alterações nos problemas, mas também dará respostas filosóficas, antropológicas, epistemológicas e éticas.

É neste cenário que o estudo da subjetividade a partir visibilidade da alma feminina e conceitos relacionados como: a pessoalidade e alteridade, possuem um campo epistêmico das relações de gênero que engendra um significado importante à esta temática. Especialmente porque, no caso deste estudo, há um entrelaçamento com o imaginário feminino amazônico e a realidade da mulher amazônida. Dessa forma, a subjetividade aqui estudada está circunscrita nos domínios desse conjunto de entendimentos que se entrelaçam ao ser, através da alma que se materializam em atos que se dão no âmbito do real ou do imaginário, ambos vividos e experimentados.

Por conta disso, este estudo assume também o objetivo de desvelar os sentidos e significados, sua importância e influência, buscando compreendê-la no âmbito da filosofia, história, natural e social. O estudo atende a uma perspectiva teórica de cunho investigativo tendo por base a dialógica, sugerida por Edith Stein, que nos permitiu tecer uma rede de conversa com outros saberes no contexto amazônico em particular.

Diante das elucidações anteriores, torna-se salutar o desabrochar do pensamento de Stein para a análise científica no horizonte perspectivo enfatizado por Michel Maffesoli, ao propor que é preciso demarcar o caminho da pós-modernidade, da mesma maneira como fizera Descartes ao delimitar o da modernidade. O pensamento desse último e de vários outros teóricos, defensores da razão abstrata, já não consegue prevalecer na contemporaneidade, que é o momento histórico em que a aparência, o senso comum ou a

<sup>1</sup> Ver a este propósito Boaventura Santos. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência (2006).





experiência vivida, por meio da razão interna, retomam uma importância que a modernidade havia lhes negado, a saber: é necessário iluminar os pensamentos que permaneceram na sombra da razão hegemônica, o que Boaventura de Sousa Santos chamou de “epistemicídios”. A “proliferação de epistemologias do Sul” que discute este autor, seria fundamental para reverter os processos de aniquilamento de epistemologias de povos e de comunidades fora deste eixo “modernizado” que operam por meio de mecanismos de “saber-poder” nas esferas econômica, cultural e de produção de conhecimento.

Nessa perspectiva, as concepções contidas no livro *A Mulher sua Missão Segundo a Natureza e a Graça*, Edith Stein, bem como a apreciação dos seguintes textos: *A Fenomenologia do Ser Humano: Traços de uma Filosofia no Feminino*, Ângela ales Bello: *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*, Jacinta Turolo Garcia, norteiam e enriquecem o pensamento da feminilidade, partindo do entendimento da alma feminina.

Assim como o pensamento de Stein, Edgar Morin reflete sobre os perigos da simplificação do ser humano por meio dos bens materiais por ele produzidos. Para o pensador, o ser humano tem como sua natureza a Complexidade, ressonando que este é composto de razão, criatividade, trabalho, arte, crença e sentimentos. Sendo estas características, a identidade humana. Nesse sentido, Stein analisa em seus escritos a complexidade do ser humano a fim de compreendê-la como um todo. Sendo assim, inicia-se a investigação fenomenológica partindo do individual para daí mergulhar na diversidade de modos pelos quais a pessoa pode se relacionar, tendo em vista, uma investigação da essência da pessoa humana.

O pensamento florescido por meio dos escritos presentes, realizam uma breve abordagem acerca da alma feminina em harmonia ao pensamento de Stein. Para tanto, procura-se esclarecer como a filosofia steiniana caracteriza a alma feminina. Em Edith, todo ser humano necessita descobrir-se tal como é, e com isso, ir à busca da sua própria plenificação. Deste modo, o valor característico da mulher procede de seu caráter constitutivo de seu ser feminino.

A mulher é constituída de uma realidade humana própria, não apresentando apenas diferenças externas, biológicas, em relação ao homem; ela é detentora de um princípio





inerente que a constitui como tal, um modo interior que compreende seu ser permanente. Configura-se assim a mulher pelo propósito de sua alma, pois, a composição da alma da mulher difere da alma do homem. A partir disso, este estudo se detém a analisar como a filosofia de Edith identifica a alma feminina e sua dimensionalidade.

## **A VISUALIDADE DE GÊNERO: UM NOVO MODO DE PENSAR**

Os estudos sob a perspectiva de gênero têm assumido grande relevância nos dias atuais com grande potencial de análise, imprimindo um novo modo de pensar e fazer ciência, uma vez que historicamente a ciência tratou às mulheres e sua história às margens das grandes questões, elaborando o conhecimento a partir da visão hierárquica e dominante do masculino, deixando lacunas e lançando soleiras sobre o feminino.

Buscando entendimento no horizonte do estudo de gênero verificamos que a sociedade produz e difunde um modelo idealizado de mulher e de homem, cujas diferenças foram construídas historicamente, frutos da intervenção da sociedade na formação do masculino e do feminino, isto é, do ser homem e ser mulher. De tal modo, “ambos os sexos são vítimas do outro e de si”; e reconhecer o “outro” como igual cria a possibilidade de trilhar uma nova história, pois “libertada a mulher, libertar-se-á também o homem da opressão que para ela forjou”. Nesse sentido, (Beauvoir, 1967, p. 01) discorre que “enquanto homens e mulheres não se reconhecerem como semelhantes”, sujeitos, autônomos, os discursos normatizadores se perpetuam.

O conceito de gênero permite relativizar as desigualdades entre homens e mulheres, e reconhecer essas diferenças, possibilita legitimar a mulher como seu correlativo. Diante disso, parece existir um estreitamento com o pensamento de (Stein, 1999, p.27) na argumentação que “investigações sobre o feminino tocam também os horizontes masculinos, formando assim um único cenário onde o que sobressai não é o masculino e nem o feminino, mas o humano”.

Nas palavras de (Saffioti, 2004, p. 107), “o conceito de gênero é uma categoria ontológica construída socialmente, que não se reduz a categorias cartesianas biológicas e sexuais”. Do mesmo modo, a autora destaca o papel da ontogênese na formação dos sujeitos, isto é, da unidade inorgânica, orgânica e social do sujeito. É nesse sentido que o





estudo de gênero possibilita superar a visão biológica e cartesiana dos corpos e dos papéis sociais imutáveis.

Essa concepção de gênero como um conceito iluminador das identidades de homens e mulheres, que estabelece intersecção com outros conceitos no âmbito das relações sociais, é examinado por Joan Scott no texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, traduzido para o português em 1990. Esse texto é uma referência clássica em razão de sua abordagem histórico-cultural, incluindo as experiências pessoais e subjetivas na análise.

Sua definição de gênero “repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. O gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (Scott, 1990, p.14). Essa relação não é um fenômeno estático, mas interage com as expressões de cada sociedade, tanto na religião, idade, classe social, etc. e, está ligada a identidade sociocultural atribuída a cada sexo, que tende a influenciar o comportamento tanto do homem quanto da mulher.

Assim, nesta mesma discussão a autora aponta a intersecção de gênero com os conceitos de classe e raça. As três categorias provocam a inclusão “das(os) oprimidas(os) e uma análise do sentido e da natureza de sua opressão. Assinala também a preocupação dos pesquisadores de que as desigualdades de poder são organizadas segundo estes três eixos, pelo menos” (Scott, 1990, p.6).

Machado (2000), aponta a necessidade da utilização do conceito de gênero como um novo paradigma metodológico, a saber:

Em primeiro lugar porque se está diante da afirmação compartilhada da ruptura radical entre a noção biológica de sexo e a noção social de gênero. Em segundo lugar, porque se está diante da afirmação do privilegiamento metodológico das relações de gênero, sobre qualquer substancialidade das categorias de mulher e homem ou de feminino e masculino. Em terceiro lugar porque se está diante da afirmação da transversalidade de gênero, isto é, do entendimento de que a construção social de gênero perpassa as mais diferentes áreas do social. Estes parecem ser os três pilares que permitem diferenciar a proposta paragnática dos estudos de gênero frente à proposta metodológica dos estudos sobre mulheres (MACHADO, 2000, p.6).





Nessa perspectiva Margareth Rago (1995), deixou em evidência sua crítica severa aos estudos que enfatizavam as análises das identidades prontas e aos que marginalizavam as construções simbólicas e culturais dos agentes em suas experiências de vida. No interior de sua proposta da desnaturalização dos sujeitos e dos objetos históricos e da concepção dos discursos como práticas instituintes de realidades, tem-se a necessidade de entender os indivíduos em suas facetas de produtores e produtos das construções sociais e culturais.

O conceito de gênero, como se vê, abre um feixe de possibilidades de análises interseccionais e transversais no campo das ciências humanas. Torres (2005), em complementariedade ao conceito de gênero acrescenta mais três elementos, considerando que este conceito também estabelece intersecção com as noções de geração, região e nação.

Há segmentos etários de mulheres e até de homens que enfrentam mais preconceitos do que outros, tais como a terceira idade, do mesmo modo que a região amazônica recebe uma carga mais elevada de preconceito de gênero em virtude de sua população possuir o matiz étnico-indígena. Na compreensão de (Torres, 2015, p. 19), “é preciso quebrar o silêncio de gênero na floresta amazônica...”. Nesse prisma, é assim que a nação brasileira, em particular a Amazônia, é vista pelo imaginário mundial como o lugar de mulheres lascivas, sambistas e desnudas.

Diante desse horizonte perspectivo, busca-se um aprofundamento nos estudos de gênero à luz do pensamento de Edith Stein na compreensão da fenomenologia da alma humana em particular a alma feminina e suas peculiaridades frente ao mundo da vida.

## A ALMA FEMININA

Esclarecido por meio das ideias contidas na obra: *A Mulher: Sua Missão Segundo a Natureza e a Graça*, Stein discute um problema a ser enfrentado: por causa de sua alma o ser feminino é dessemelhante por que sua alma é diferente. “A *Alma Feminina* só poderá amadurecer para o ser que lhe é adequado, se as suas forças receberem a devida formação” (Stein, 1999, p. 116). Dessa forma, a alma espiritual é o princípio vital do corpo material, não podendo ser confundida ou identificada com corpo e espírito.





A alma humana não é algo pronto e estático. A alma humana é “una”, pois há em seu cerne uma subjacente força divina. A alma feminina como ser específico atribui um fim à mulher, uma vocação em que todo o seu ser está em função desse mesmo fim. Com isso, parece claro que a mulher tem uma predisposição natural à maternidade e a ser companheira.

Ela naturalmente apresenta uma sensibilidade e compreensão para com o outro conforme nos atesta Edith Stein: “Em todas, encontro uma índole comum: o desejo de dar e de receber amor, e com isso, a aspiração de serem tiradas da estreiteza de sua existência real atual para serem guindadas a um ser e agir mais elevado” (Stein, 1999, p.102). Até mesmo a ligação da alma com o corpo se dá de forma diferenciada.

Nessa diferenciação que está estreitamente ligada à vocação materna da mulher, Edith Stein acentua uma dupla possibilidade de vivenciá-la: uma de maneira espiritual e outra de maneira biológica. É o caso, por exemplo, de uma mulher que, profundamente tocada pela sua missão específica, dedica no celibato sua vida em favor de outros. Poderia tal mulher chegar à plenitude do ser feminino, já que a maternidade faz parte da essência feminina? Responderia Edith Stein: “Com toda certeza!”. Pois, da mesma forma que uma mulher seja mãe biologicamente, ainda assim, é preciso todo um trabalho interior de maturação humano-espiritual para que ela chegue ao escopo de sua plena maturidade.

Assim, a alma feminina está mais presente em todas as partes do corpo, de modo que se sente mais atingida em seu íntimo por tudo que lhe acontece, enquanto para o homem o corpo assume mais o caráter de instrumento que está ao seu controle, o que provoca certo afastamento. Tal fato incontestável é o recurso dado pela natureza feminina para executar sua missão como mulher. Porém, uma vez mal compreendido gera uma cultura do sexo frágil, e o que deveria ser visto como força é deturpada pela falta de formação.

Edith Stein discorre que a presença do universo arraigado pelo ser feminino é algo raro, ainda quando se trata de demandas referentes à própria mulher. Abordagens específicas sobre a natureza da mulher são pouco teorizadas. Apresenta-se assim, a necessidade de designar novos parâmetros para um pensar que tenha uma função específica de tratar do ser feminino.





Levando em consideração aquilo que remete a mulher para a efetivação da sua essência em direção daquilo que realmente ela é. Neste caso faz-se necessário, levar com tenacidade as peculiaridades que circundam o ser feminino e que tendem para capacitá-la vivenciando assim o cerne de sua existência.

Diante desse pressuposto, Garcia (1996) versa sobre o que foi ressaltado da seguinte forma:

O ser humano é um ser que possui um corpo, uma alma e um espírito. Enquanto o homem é, por sua própria essência, espírito, ultrapassa a si mesmo, com sua vida espiritual e entra no mundo que se abre diante dele, sem que perca nada de si. Nele se revela sua essência, como em todo produto real, ao expressar-se de modo espiritual, mesmo em seus atos inconscientes, e, sobretudo, ao atuar pessoal e espiritualmente. A alma humana, enquanto espírito, se eleva em sua vida espiritual acima dela mesma (GARCIA,1996,p.59).

A alma do homem e a alma da mulher são iguais na forma estrutural: ambas são internas. Mas a alma do homem se diferencia da alma da mulher na relação que mantém com o corpo, pois ela é lançada a externar-se, isto é, volta-se para lidar com coisas metafísicas, sobretudo para atuar de forma mais racional sobre o meio em que vive.

Já a alma da mulher vincula-se ao corpo de forma mais afetiva, pois ela traz em sua essência a natureza da vida afetiva para com o outro, o que acarreta na pessoa da mulher a possibilidade de uma maternidade inerente à sua própria alma. E é a própria Stein (1999) que nos confirma essa teoria, dizendo-nos:

Parece-me que a alma da mulher está mais presente em todas as partes do corpo de modo que se sente mais atingida em seu íntimo por tudo que lhe acontece, enquanto que para o homem o corpo assume mais caráter de instrumento que está a seu serviço, o que provoca certo distanciamento. Esses fatos devem estar ligados à vocação da mulher para a maternidade (STEIN, 1999, p. 114).

Stein pondera que a maternidade é uma atitude de alma, é um colocar-se completamente a serviço do outro que necessita de cuidado e é ser despertada e estar atenta à necessidade alheia. Por sua vez, o ser companheira, estar ao lado do homem, não se limita à relação marital, mas é antes um dar de si, de sua feminilidade, de sua capacidade





de humanização, de fazer com que as coisas ao seu redor ganhem novas 'cores', as 'cores' da humanização. Por isso, "a mulher que não é nem esposa nem mãe, precisa comprovar essa maternidade espiritual em suas atitudes e ações" (Stein, 1999, p.224).

Para vigorar esta concepção, Edith Stein ressalta que: "o corpo é a parte visível e material do ser humano, parte esta, onde ocorrem os fenômenos físicos, o espírito é a dimensão transcendente, onde o homem relaciona-se com o seu criador", isto é, a dimensão vertical, onde o ser humano ultrapassa os fenômenos físicos e o mundo material. Já a alma é o vínculo que une o corpo e o espírito, participando tanto da vida sensível quanto da vida transcendente (espiritual).

Nas pontuações de Stein, entende-se que a pessoa implica em espiritualidade. O ser humano enquanto pessoa é ser espiritual, cujo espírito tem algo peculiar: uma interioridade, um centro, a partir do qual se possui plenamente. Isto está em si mesmo e por ele é capaz de si mesmo. O entrar e sair de si mesmo são dois movimentos essenciais da pessoa.

Sendo a mulher, o único ser da humanidade capaz de gerar e nutrir no interior de seu corpo outro ser, ela é também, justamente por essa capacidade natural, mais afetiva e cuidadosa com o outro do que o homem. Na melhor das hipóteses, a mãe tem com sua "cria" uma relação diferente daquela cultivada pelo pai. Daí a propensão natural da mulher a estar atenta aos problemas alheios. Assim, a empatia natural da mulher se manifesta por meio da essência genitora de seu Ser, sendo na relação com o outro humano ou com o meio natural.

Sobre o entendimento de meio natural, Merleau-Ponty (2006), pontua que a natureza é um objeto enigmático, denominado pelo pensador como *quiasma*<sup>2</sup>, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso solo, não é aquilo que está diante, mas o que nos sustenta. Diante disso, Stein vigora o pensamento de Ponty, já que floresce a ideia que a natureza do Ser não se determina pelo corpo (físico).

Nessa perspectiva ontológica, os escritos de Stein elucidam que a história da sociedade encontra seu sentido no pensamento que parte da natureza para encontrar um porto seguro na própria essência do Ser feminino.

<sup>2</sup> Merleau-Ponty na noção de quiasma, compreendida como uma lógica de inerência e entrelaçamento entre os fenômenos e realidades.





## O FEMININO E O MASCULINO DA ALMA: UMA FENOMENOLOGIA DUAL

Embasada na fenomenologia e no estudo aristotélico-tomista, Edith Stein destaca que, mesmo sendo uma só a natureza humana, há diferenciações que se fazem notar entre homem e mulher, enquanto ser. Em ambos os casos acontece um fenômeno chamado de individuação, “princípio intrínseco às coisas, pelo qual são individuais” e que se deve procurar na matéria. Por isso, somente no mundo material podem existir indivíduos da mesma espécie (Stein, 1999, p.383).

É neste contexto que a diferença entre o feminino e o masculino é abordada ao lado da unidade do ser humano: de fato, homem e mulher são seres humanos. É nisso consiste sua igualdade, mas são diferentes também no sentido de que não é só o corpo ou não são só as funções fisiológicas que são diferentes. A vida toda no corpo é diferente, a relação entre a alma e o corpo é diferente e, no âmbito da alma, difere a relação entre o espírito e a sensibilidade bem como a relação entre as diversas forças espirituais.

Nos estudos realizados sobre a mulher por Edith Stein, é salientada uma diferença ontológica que se encontra nas profundezas da estrutura da pessoa humana. A essência feminina, a que se refere à *maternidade espiritual*<sup>3</sup>, que é definida como um projeto aberto para a criação das mulheres, mesmo ela decidindo se deve ou não ter filhos.

A forma feminina e masculina não se manifesta só no ritmo constitutivo dos indivíduos, mas investe toda a estrutura de corpo, alma e espírito. Portanto, a diferença entre homem e mulher deve ser entendida como algo que atravessa toda a estrutura do ser humano, como tal pela diferenciação sexual. “Em cada indivíduo, encontramos o elemento masculino e feminino, sendo que apenas um deles predomina, precisamos então das duas espécies para desenvolver a espécie humana.” Assim, Edith Stein indica brevemente no que consistem os momentos fundamentais da distinção entre a espécie masculina e espécie feminina: “A espécie feminina corresponde à unidade e à integridade de toda a personalidade psicofísica, o desenvolvimento harmonioso das forças; a espécie masculina

<sup>3</sup> Por maternidade espiritual Edith Stein entende que ela se mostra de múltiplas formas, por exemplo, segundo o carisma e as regras dos diversos Institutos de caráter apostólico, ela poderá exprimir-se como solicitude pelos homens, especialmente pelos mais necessitados: os doentes, os deficientes físicos, os abandonados, os órfãos, os idosos, as crianças, a juventude, os encarcerados, e, em geral, os marginalizados.





se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas” (Stein, 1999, p 187-206).

Para compreender a diferença entre homem e mulher, em Stein, faz-se necessário, primeiramente, entender as naturezas feminina e masculina, que se completam em todos os âmbitos da personalidade humana. Ou seja, a capacidade intrínseca do ser humano de reunir em si uma diversidade–totalidade que, apesar de una, também é trina, isto é: corpo, alma e espírito.

É nesse ponto que se constata uma ligação entre filosofia e teologia: a diferenciação da espécie proposta pela filosofia responde à finalidade dos sexos assim como é apresentada pela teologia. É sobre essa diferença que a autora se fundamenta para indicar o destino da mulher e do homem, para aprofundar o significado do feminino em relação ao masculino e, conseqüentemente, para abordar a questão da relação entre os dois.

Edith Stein apresenta uma visão geral da fenomenologia e de sua relação com a complexidade do ser humano numa perspectiva de um pensamento filosófico, cujo estudo está centrado na análise transcendental. Dessa forma, considerando que vivência, essência, percepção, reflexão, lógica e sentido das coisas são aspectos interligados na subjetividade do mundo interior da pessoa.

Stein ressalta em seus escritos que a maioria dos autores cometeram graves equívocos sobre a verdadeira natureza da alma feminina, principalmente aqueles que sustentavam que mulher não tinha capacidades para exercer atividades na política ou meio profissional, classificando-as com habilidades relacionadas somente para atividades como no lar, mãe, esposa, etc.

Stein assinala em seus escritos que os direitos alcançados pelas mulheres em diversos âmbitos são salutares e positivos, porém devem ser feitas sem nunca perder de vista que o homem e a mulher são diferentes no corpo e na alma. Homem e mulher são diferentes, mas não desiguais, e querer além da igualdade social é ir contra sua natureza física, psíquica e espiritual.

A dignidade da mulher, pois, repousa em sua diferença<sup>4</sup> com o homem, e não sobre sua desigualdade. Que a mulher tenha os mesmos direitos e os mesmos deveres enquanto

<sup>4</sup> O que tem certa paridade, isto é, possui características afins, como por exemplo, a espécie, porém não nível de igualdade (exemplo: homem e mulher).





pessoa é correto e deve ser defendido, porém o seu lugar ao lado do homem tem raízes na igualdade que não exclui a diferença. Nesse sentido, Edith Stein tem uma reflexão muito mais profunda e muito mais completa, pois não se limita unicamente ao território sociocultural, mas transcende esse limite concebendo também o aspecto espiritual do Ser.

A filosofia steiniana revoga esse pensamento, ao levantar o questionamento que afirma que a mulher poderia assumir qualquer profissão assim como o homem; porém, ela acrescenta que essa busca na realização da profissão não deve estar atrelada a uma concorrência entre mulher e homem. E esta efetivação profissional teria que ocorrer na forma de enriquecimento no sentido social, sem abrir mão do seu potencial de alma feminina.

Stein pondera que não se pode esquecer um aspecto que foi conquistado durante o século passado pelas mulheres, a profissão. Stein assim tendo vivido esse novo acontecer nas práticas femininas, em sua análise contempla o aspecto referido:

Assim, Stein (1999) como uma mulher que está para além do seu tempo, observa:

É necessário que estejamos conscientes de que nos encontramos no começo de uma grande revolução cultural, que estamos passando pelas doenças infantis e que ainda falta realizar um trabalho essencial e básico; que é necessário voltar à natureza do homem e da mulher para podermos preparar uma formação e distribuição profissional, que corresponda à índole de cada um, de modo que alcancemos, aos poucos, uma inserção natural dos sexos no corpo social (STEIN, 1999, p.161).

Assim, a filósofa potencializa esse pensamento refletindo que: “Não há profissão que não possa ser exercida por uma mulher” (Stein, 1999, p. 61). Contudo, é preciso perceber que se faz necessária cautela para que essa busca de uma profissão não seja simplesmente um ter que se esforçar à maneira dos homens, pois isso ocorre num prejudicial risco para a mulher, levando-a muitas vezes a expressar: “Preciso trabalhar para não ser inferior aos homens” (Stein, 1999, p. 62). Com isso, a pensadora soube perceber os traços de mulheres que fizeram de sua vida uma lição e que, mesmo enfrentando os riscos, não perderam sua sensibilidade, característica peculiar de seu ser mulher.





## O PROTAGONISMO HISTÓRICO-CULTURAL DA MULHER E O IMAGINÁRIO FEMININO NA AMAZÔNIA

Historicamente a mulher vem lutando para galgar espaços sociais, pois como afirma (Perrot, 1992,p.75), “da História, muitas vezes a mulher é excluída”. Muitas foram e continuam sendo as lutas das mulheres para tornarem-se visibilizadas na sociedade. Estudos sobre a mulher vêm sendo desenvolvido, mas ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. Como é o caso do estudo acerca do protagonismo das mulheres amazônidas. Essa atuação de protagonismo feminino sugere um estudo acerca da relação de gênero na Amazônia. Pois como discorre (Torres, 2015, p.19), “é preciso quebrar o silêncio de gênero na floresta amazônica...”.

Na perspectiva antropológica, destaca-se o próprio nome “Amazônia”. Nome protagonizado por meio da história das mulheres icamiabas<sup>5</sup>, vistas como as lendárias amazonas pelo grupo de navegadores aventureiros espanhóis liderados pelo capitão Francisco de Orellana, que remeteu do Peru pelo Rio Amazonas em rumo ao Oceano Atlântico no século XVI.

Diante dos escritos, a suposta batalha travada por aquelas mulheres guerreiras contra os forasteiros espanhóis foi registrada com um misto de admiração e perplexidade, além de uma boa dose do que se poderia chamar de realismo fantástico, por frei Gaspar de Carvajal, o cronista oficial da expedição castelhana.

A figura da mulher esteve sempre presente no interior cultura, representando funções bem definidos e que procuram transmitir toda a força, protagonismo e também delicadeza que esta contém tanto no meio social como também nas representações simbólicas e na cultura imaterial tais como mitos e lendas.

Na mitologia grega o termo Theasofia, o significado de Thea/Tea é ‘deusa’, e Sofia/Sophia significa Sabedoria ou Saber. Assim, o arquétipo do princípio feminino Essencial: O Grande Feminino é a Sabedoria da Deusa, ou sabedoria do princípio divino

---

<sup>5</sup>Icamiabas' ou iacamiabas (significando "peito partido") é a designação genérica dada a índias que teriam formado uma tribo de mulheres guerreira que não aceitavam a presença masculina.





feminino. A sabedoria sobre o caminho do despertar do poder Superior, ou seja, o lado ou o polo feminino do divino, do sagrado, Absoluto. São os saberes e práticas da verdadeira *sabedoria e espiritualidade feminina*.

Assim, Theasofia é o nome em grego da Sabedoria iniciática Feminina, é a sabedoria das grandes sacerdotisas, xamas, curadoras e 'senhoras' dos círculos de mulheres em todo o mundo, porém ocultados pelas tendências e necessidades mais paternalistas – sobre essência do despertar do poder e consciência plena feminina ou do feminino transcendente.

No âmbito da psicanálise Jung discorreu sobre a salutar figura feminina, trazendo Arquétipo mãe. Em seu itinerário intelectual buscou enfatizar o *arquétipo da mãe* como forma de mãe pessoal, avó, madrasta, sogra, enfermeira, governanta. Sendo que ele pode ser cumprido em mães figurativas, como Maria Mãe de Deus, ou a mãe que se torna uma donzela novamente no mito de *Deméter e Kore*.

Outros símbolos incluem a Igreja Matriz, país, a Terra, a floresta, o mar, um jardim, um campo arado, uma mola ou bem. O aspecto positivo do arquétipo mãe é o amor maternal e calor, tão celebrado na arte e na poesia, o que é dado a nossa primeira identidade no mundo. No entanto, ele pode ter significado negativo – a mãe amorosa ou a terrível mãe ou deusa do destino. Jung considerou a mãe o arquétipo mais importante, porque parecia conter uma dualidade de sentido.

Nesse contexto, torna-se necessário a reflexão sobre o posicionamento de Edith Stein sobre a natureza genuína e essência da mulher, a forma feminina de abordagem das questões relacionadas com o "mundo-da-vida" na "comunidade" e em seus desdobramentos históricos, haja vista que a forma feminina está ligada a natureza, a conexão do ser humano com o universo, sendo que esta conexão não é espírito, nem matéria, mas sim um elemento, como o ar, a terra, o fogo e água, que dá origem a tudo.

Nessa perspectiva, (Bachelard, 1993, p.27) denomina de "fenomenologia da imaginação" ou "fenomenologia da alma", e ao mencioná-la, já discorre também o que para ele constitui o fenômeno a ser estudado: a imagem poética. Dessa forma, (Bachelard,





1993,p.27) versa que: “[...] É preciso chegar a uma fenomenologia da imaginação. Neste processo, a qual abre as portas do conhecimento da alma”. Nesse viés, Bachelard sublinha a *anima* como um estado feminino e sublime da relação do Ser com o universo.

Em meio a esse dilúvio de significados, no contexto amazônico Huanacuni (2007), observa que a cultura da floresta apresenta a figura feminina diante de forças duais e igualmente importantes: a cósmica, que provem do céu, e a telúrica, associada com a terra ligada espiritualmente ao ancestral *Pachamama*<sup>6</sup> ou Mãe-Terra. Ambas as forças convergem no processo da vida, geram toda forma de existência, pressupondo que tanto o orgânico quanto o inorgânico tem vida e espírito.

Nas palavras do historiador boliviano Rigoberto Paredes (1870–1950), a princípio, o mito de Pacha Mama devia referir-se ao *tempo*, “talvez vinculado de alguma forma à terra; ao tempo que cura as maiores dores, tal como extingue as alegrias mais intensas; ao tempo que distribui as estações, fecunda a terra, sua companheira; dá e absorve a vida dos seres no universo. *Pacha* significa originariamente “tempo”, na língua *kolla*<sup>7</sup>; só com o transcurso dos anos – as adulterações da língua e o predomínio de outras raças – pôde confundir-se com a terra e fazer com que a esta e não àquele se rendesse preferente culto. Pacha-Mama, segundo o conceito que tem entre os índios, poderia ser traduzido no sentido de terra grande, diretora e sustentadora da vida”. A terra, como geradora da vida, será então assumida como um símbolo de *fecundidade*. Como descreve Paredes (1921);

Entender as situações variadas vividas pelo homem, fazê-lo(sic) compreender o mundo em que vive, reconhecer a realidade que se manifesta, relacionar a vida com a criação dos deuses e todas as coisas, tudo isso está conservado nos mitos, e o homem moderno necessita dessa forma de imaginação, pois o que acontece no mundo atual é que ele costuma rejeitar qualquer mistificação, não aceita facilmente um modelo de humanidade fora da condição humana tal como ela é (Paredes, 1921, p.28).

<sup>6</sup> **Pachamama**, é conhecida também como a Mãe Terra. Ela que representa a Deusa maior em muitas culturas, capaz de mudar todo o sentido na vida de muitas pessoas trazendo prosperidade, sustento e boa energia.

<sup>7</sup> Os *kollas* são um povo indígena, descendente dos povos que formaram o império inca. São originários do norte da Argentina, província de Jujuy, próximo à fronteira com a Bolívia.





A colisão entre os dois povos legou a história pelos séculos posteriores a imagem de guerreiras nativas, dispostas à ação contra quem quer que seja para fazer prevalecer sua liberdade e soberania. Na atualidade, parte desta mística centenária está sendo incorporada por mulheres da região amazônica, numa espécie de reavivamento do ancestral protagonismo feminino motivado pela aura ancestral das mitológicas Amazonas.

Portanto, é inegável que a maior prova de que o verdadeiro problema a ser enfrentado, antes mesmo de ser social e de ordem da própria essência do ser humano, parte da falta de compreensão do valor integral e inviolável da pessoa da mulher. Assim, com a ascensão das mulheres amazônidas aos postos de liderança, alcançou-se um novo patamar nas relações entre os gêneros, sinalizando para a concretização dos anseios universais por uma sociedade mais justa, em que as oportunidades de desenvolvimento humano sejam iguais para todos. No contexto de reconstrução identitária individual e coletiva colocado em evidência pela nova face do feminismo e da feminilidade.

## CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa trouxe uma análise do pensamento de Edith Stein sobre estudos da fenomenologia da alma humana e o protagonismo feminino. Dessa forma, os estudos sobre Stein oferecem uma grande contribuição para a compreensão do ser humano com a experiência - e a riqueza e a diversidade que emergem dessa - devem constituir uma riqueza pessoal e, sobretudo, uma consciência profunda da "originalidade" e da "igualdade" de cada pessoa. A autora, portanto, ao partir das investigações para a compreensão do que é a pessoa humana, considera a estrutura da pessoa nas dimensões corpóreas, psíquicas e espirituais como elemento útil às pessoas no favorecimento recíproco do reconhecimento do outro.

Espera-se que esta pesquisa tenha ressonância para o mundo acadêmico, assim como contribuiu imensamente para meu crescimento intelectual enquanto pesquisador, mas especialmente, para o crescimento humano e espiritual do pesquisador.

O que se apresenta ao meio acadêmico é fruto de um pensamento reflexivo,





maturado muito mais em incertezas do que certezas; frente ao entusiasmo com a perspectiva de se torna possível o reconhecimento do protagonismo feminino na Amazônia capaz de fazer brotar de suas entranhas uma nova face do meio social agora visto com “olhos de mulher”.

A obra de Stein não vem simplesmente enriquecer os direitos das mulheres, mas, antes, mostrar caminhos mediante os quais as mulheres poderão verdadeiramente se valorizar e tomar consciência de sua própria unicidade e promover suas realizações pessoais através de suas qualidades. Sendo assim, a filósofa focaliza a questão feminina como ponto principal para traçar o papel da mulher e do homem diante da sociedade moderna, na qual ocorre uma mudança quanto aos papéis feminino e masculino diante de suas vocações naturais, exatamente em virtude da emancipação da mulher.

A reflexão de Stein e dos estudiosos de seu pensamento emite que a mulher moderna passou a trabalhar fora de casa, cultivando uma vida de tripla jornada de trabalho: ser mãe, esposa e profissional, sendo que esta última prevalece sobre as outras, uma vez que a mulher deixa sua vida de esposa e de mãe em segundo plano para se dedicar de corpo e alma à sua carreira profissional.

Dessa forma, estudar o ser mulher é uma aventura instigante e cheia de desafios. Mais do que coletar informações sobre o ser humano, este estudo deve servir para um crescimento na vivência da nossa própria humanidade, bem como para respeitar o outro na sua individualidade. Trata-se, portanto, de uma investigação da perspectiva fenomenológica de Edith Stein no estudo do ser humano como um sujeito masculino/feminino, situando-nos assim no interior dos estudos da personalidade da mulher que nasceram com o intuito de analisar, sobretudo, a dimensão feminina.

Na filosofia steiniana, encontramos o ser da mulher como um ser de vivências sempre direcionado para a harmonia das relações. Desta forma, a alma feminina, sublinhada em Edith, nos remete para um ser que está sempre voltado para o amor em suas atitudes, sempre percebendo a atenção voltada para o todo, cuidando, conservando, e promovendo o que se encontra arraigado em forma de desejo natural. O que de algum modo é expresso pelo *ethos* numa atitude dirigida em vista da sua emancipação frente a esta liberdade da alma que pelo gênero feminino é tão desejada.





Portanto, as potencialidades existentes em seu ser, uma vez trabalhadas, tornam a mulher competente, capaz de atos jamais vistos, de ações antes impensáveis. E é justamente para isso que Edith Stein empreende uma verdadeira batalha nesta descoberta do ser feminino. Seu maior desejo está em fazer com que a mulher não mais esteja paralisada em si mesma, presa a um pensamento de emancipação, que nada mais é do que a ratificação de uma realidade machista. Em sua análise, conclui: que o centro da alma feminina é a afetividade, justamente por uma busca de amar e ser amada. Sua preocupação volta-se para o aspecto da formação, mas que consiste no que une os indivíduos femininos na espécie feminina.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A Poética do Devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. A experiência vivida (vol.2).2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BOAVENTURA, S. S Meneses, M.P Epistemologias do Sul. Coimbra. Almeidina , 2009.
- FERRAZ, Marcus. Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty. Campinas: Papyrus, 2009.
- GARCIA, Jacinta Turolo. Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana.2. ed. São Paulo: Edições Loyola, [s.d.].
- HUANACUNI, Fernando. Cosmovisión andina: Tierra y territorio - autodeterminación de los pueblos. In. Sariri-Caminante de los Andes, junio 2007
- JUNG, E. Animus e Anima. 12ª edição, São Paulo: Cultrix, 1999.
- MACHADO, Lia Zanota. Perspectiva e confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? Série Antropologia nº 284, UNB, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. Elogio da Razão Sensível. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. A Natureza: curso do Collège de France. São Paulo: Martins, 2006.
- MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.
- PAREDES, M. RIGOBERTO "Anotaciones Bibliográficas. Las obras de don Horacio H. Urteaga": En "Boletín de la Sociedad Geográfica de La Paz" La Paz-Bolivia. Sep. 1921.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- RAGO, Margareth. As Mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.
- SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. IN: Educação e Realidade, v. 16, n.2, p. 5-22, Porto alegre, 1990.





- STEIN, Edith. A ciência da cruz: estudos sobre são João da Cruz. São Paulo: Loyola 2004.
- \_\_\_\_\_. A Mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução de Alfred J. Keller. Bauru/SP: EDUSC, 1999.
- \_\_\_\_\_. La estructura de la persona humana. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- \_\_\_\_\_. Na força da cruz. 2. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987.
- \_\_\_\_\_. Obras Completas, II Escritos Filosóficos: etapa fenomenológica. Madrid: Monte Carmelo, 2005.
- \_\_\_\_\_. Obras Completas, III Escritos Filosóficos etapas de pensamiento Cristiano. Madrid: Monte Carmelo, 2007.
- \_\_\_\_\_. Obras Completas, IV Escritos Antropológicos y Pedagógicos, Madrid: Monte Carmelo, 2003.
- TORRES, Iraildes Caldas.(Org.). Entrelaçamento de gênero na Amazônia. Manaus: Valer, 2015.

